

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A RELAÇÃO ENTRE O FUNCIONAMENTO FAMILIAR
E O AJUSTAMENTO PSICOSSOCIAL DO
ADOLESCENTE: EFEITO MEDIADOR DAS
ESTRATÉGIAS DE *COPING***

Sara Candeias dos Loios

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A RELAÇÃO ENTRE O FUNCIONAMENTO FAMILIAR
E O AJUSTAMENTO PSICOSSOCIAL DO
ADOLESCENTE: EFEITO MEDIADOR DAS
ESTRATÉGIAS DE *COPING***

Sara Candeias dos Loios

Dissertação orientada pela Professora Doutora Rita Francisco

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2014

“...entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de árduas esperanças...”

Luís de Camões

Resumo

O presente estudo analisou a percepção dos adolescentes em relação ao funcionamento familiar – comunicação, dificuldades e recursos – e sintomatologia internalizante e externalizante, através do papel mediador das estratégias de *coping*, bem como as diferenças entre sexos nestas variáveis.

Neste estudo participaram 354 jovens ($M = 15.27$; $DP = 1.87$), estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade da região da Grande Lisboa. Os participantes preencheram questionários de autorrelato que avaliaram as suas percepções acerca do funcionamento familiar (*SCORE-15*), das suas estratégias de *coping* (*Coping & Resiliência*) e do seu ajustamento psicossocial (*Youth Self-Report*), juntamente com um questionário sociodemográfico.

Os resultados indicam que a percepção de um funcionamento familiar desadequado, pelo adolescente, se encontra associada tanto ao recurso a estratégias de *coping* desadaptativas, bem como ao seu próprio desajustamento psicossocial. A utilização de estratégias de *coping* desadaptativas encontra-se relacionada com o desajustamento psicossocial, surgindo como um indicador de que o recurso a este tipo de estratégias poderá, de facto, contribuir para o desajustamento psicossocial dos adolescentes. Foram ainda encontradas diferenças entre os sexos, apresentando os rapazes uma percepção mais negativa da comunicação familiar. As raparigas, por sua vez, reportam uma maior utilização de estratégias de *coping* adaptativas, bem como valores superiores de comportamentos internalizantes. Por último verificou-se que as estratégias de *coping* ruminação e externalização desempenham um papel mediador na relação entre o funcionamento familiar e o comportamento externalizante, assim como a ruminação e o apoio social assumem esse mesmo papel na relação com o comportamento internalizante.

O presente estudo salienta, assim, a importância da investigação ao nível das estratégias de *coping* usadas pelos adolescentes relativamente ao funcionamento familiar percebido, para a compreensão do seu (des)ajustamento psicossocial.

Palavras-Chave: Adolescência, funcionamento familiar, *coping*, ajustamento psicossocial.

Abstract

The present study analyzed the perceptions of adolescents related to family functioning – communication, difficulties and resources – and internalizing and externalizing symptoms, through the mediating role of coping strategies, and gender differences in these variables.

The participants were 354 adolescents ($M = 15:27$, $SD = 1.87$), students from the 7th to 12th grade in the Lisbon Metropolitan area. Participants completed self-report questionnaires that assessed their perceptions about family functioning (SCORE-15), their *coping* strategies (*Coping & Resilience*) and their psychosocial adjustment (Youth Self-Report), along with a sociodemographic questionnaire.

The results showed that perception of an inadequate family functioning by adolescents, is associated with use of maladaptive coping strategies, as well as to their own psychosocial maladjustment. The use of maladaptive coping strategies is related to psychosocial maladjustment, emerging as an indicator that the use of such strategies may in fact contribute to the psychosocial maladjustment of adolescents.

Gender differences were found. Boys have a more negative perception of family communication. The girls, in turn, reported increased use of adaptive coping strategies, as well as higher values of internalizing behaviors. Finally it was found that coping strategies rumination and externalization play a mediating role in the relationship between family functioning and externalizing behavior. Rumination and social support assume the same role in relation to internalizing behavior.

This study emphasizes the importance of research in terms of coping strategies used by adolescents in relation to perceived family functioning, to understand their psychosocial (mal)adjustment.

Keywords: Adolescents, family functioning, coping, psychosocial adjustment.

Agradecimentos

Serve este espaço para expressar o meu profundo e sincero agradecimento a todos que de alguma forma contribuíram para que este projeto fosse possível.

À Professora Doutora Rita Francisco pela disponibilidade, empenho, competência, sabedoria, e sobretudo pelo suporte constante imprescindível para a conclusão deste trabalho.

À Professora Doutora Marta Pedro pela transmissão dos preciosos conhecimentos estatísticos e disponibilidade sempre que alguma dúvida surgia.

A todas as Escolas com quem pudemos contactar, pela sua disponibilidade e colaboração nesta investigação.

Às colegas e amigas com quem partilhei este projeto, porque “o todo é maior do que a soma das suas partes” e sem o esforço de todas este projeto não teria sido possível. À Sara Inês pela partilha e entreaajuda, o meu obrigado.

A todos os amigos pela compreensão das ausências e pela força transmitida nas presenças.

Às FacFriends por todos os momentos ao longo destes anos académicos. Com vocês percebi que para ser família não precisa ser “de sangue” nem muito menos “desde sempre”.

Ao Nando, pelo carinho e apoio constantes. Por acreditares em mim quando eu própria duvidei. Por todos os abraços repletos de força e energia para continuar.

À minha família, Mãe, João e Pica, pelas palavras de apoio, pelos conselhos e orientações. Acima de tudo por me fazerem ver que era possível.

A todos vós que de algum modo se cruzaram comigo neste caminho e me ensinaram novas formas de olhar e de estar no mundo, o meu profundo obrigado.

Índice

Resumo	i
Índice	iv
Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
Recursos e capacidade de adaptação da família	3
Comunicação Familiar	4
Sobrecarga de Dificuldades	5
O <i>coping</i> como mediador da relação entre funcionamento familiar e ajustamento psicossocial	6
O Presente Estudo	9
Método.....	10
Amostra	10
Instrumentos	11
Procedimento de Recolha de Dados	13
Procedimento de Análise de Dados	14
Resultados.....	14
Discussão	18
Referências Bibliográficas.....	27

Anexos

Anexo A - Pedido de colaboração para as Escolas

Anexo B – Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Anexo C - Protocolo

Introdução

O grupo familiar está submetido à influência de um grande número de fatores socioeconômicos que progressivamente modificam os comportamentos no seio familiar. Sendo a família o principal contexto em que o desenvolvimento humano ocorre, torna-se essencial a sua compreensão para o entendimento do ajustamento psicossocial dos jovens.

Apesar de a literatura existente indicar que o funcionamento familiar exerce uma forte influência sobre o ajustamento psicossocial (e.g., Hakvoort, Bos, van Balen, & Hermanns, 2010; Lindahl, Bregman, & Malik, 2012; Prevatt, 2003; Shek, 2002), ao que sabemos, nenhum estudo foi realizado até à data investigando o efeito mediador do *coping* na relação entre dimensões do funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial dos adolescentes. Desta forma, a presente investigação pretende contribuir para a literatura neste campo, tendo como base o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano, assim como a Teoria Geral dos Sistemas.

A presente investigação enquadra-se num projeto mais amplo, intitulado “Relações familiares e bem-estar na adolescência: Fatores protetores e de risco em contexto de crise económica”. Tem como objetivo geral investigar o papel das estratégias de *coping* individual dos adolescentes, na relação entre as várias dimensões do funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial do adolescente, sendo um estudo quantitativo, correlacional e transversal.

Seguidamente será apresentada a dissertação no formato de artigo científico para possível publicação futura.

Enquadramento Teórico

A família é um sistema, ou seja, um conjunto de elementos emocionalmente ligados (Sampaio & Gameiro, 1985) em contínua relação com o exterior e mantendo o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento, percorrido através de estádios de evolução diversificados (Sampaio, 1984). Assumindo que o todo é maior do que a soma das partes, os membros de uma família têm um impacto mútuo uns nos outros, (Bertalanffy, 1968) levando a que os indivíduos devam ser compreendidos no contexto do sistema familiar alargado (Cox & Paley, 1997).

Por estádios de evolução diversificados entende-se as várias etapas do ciclo vital da família, as quais são marcadas por períodos de grandes mudanças. A família é marcada pela adolescência dos filhos, sendo considerada a etapa mais longa e mais difícil do ciclo vital (Alarcão, 2002), uma vez que as relações pais-filhos requerem um realinhamento, de forma a permitir aos adolescentes o desenvolvimento de autonomia (Carr, 2006). Concomitantemente, a adolescência é uma fase caracterizada por inúmeras mudanças, nomeadamente físicas, biológicas, psicológicas e sociológicas (Lerner & Spanier, 1980) que perturbam o equilíbrio do sistema familiar e provocam transformações nas relações familiares (Susman, Dorn, & Schiefelbein, 2003).

O Funcionamento Familiar é um “fenómeno muito complexo que pode ser avaliado através das mais variadas formas” (Epstein, Baldwin, & Bishop, 1983p. 171). Refere-se, de forma geral, à qualidade da vida familiar a um nível sistémico e diádico (Shek, 2002) e está associado à estrutura familiar, à comunicação, adaptabilidade, coesão e resolução de problemas (Wang & Zhao, 2013).

De acordo com Bronfenbrenner (1986), a família é o principal contexto em que o desenvolvimento humano ocorre, o que leva a que o desenvolvimento psicossocial dos jovens não possa ser entendido de forma independente do contexto em que se insere (Lindahl et al., 2012; Richmond & Stocker, 2006), não esquecendo, porém, a influência de todos os outros contextos em que o jovem se encontra também inserido (Bronfenbrenner, 1986), como a escola, o grupo de pares, entre outros. Neste sentido, o funcionamento familiar e as relações familiares têm sido exaustivamente associados a vários aspetos relacionados com o desenvolvimento e ajustamento psicossocial dos adolescentes (e.g., Hakvoort et al., 2010; Lindahl et al., 2012; Prevatt, 2003; Shek,

2002), como a saúde mental positiva onde se inclui o bem-estar, a satisfação com a vida e a autoestima (Hakvoort et al., 2010; Henry, Robinson, Neal, & Huey, 2006; Schermerhorn et al., 2011; Shek, 2002). Por sua vez, vários estudos mostram também associações do funcionamento familiar ao desajustamento psicossocial, nomeadamente sintomas depressivos (Low et al., 2012) e obsessivos (Prioste, Cruz, & Narciso, 2010), bem como, a um nível comportamental, onde se verificam associações com problemas do comportamento (Hakvoort et al., 2010; Shek, 1997), designadamente comportamentos antissociais (Prioste et al., 2010), delinquência e consumo de substâncias (Shek, 2002).

Três aspetos do funcionamento familiar são considerados fundamentais no dia-a-dia das famílias: os recursos e capacidade de adaptação da família, a comunicação familiar e a sobrecarga de dificuldades a que a família se encontra sujeita (Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010). É a conjugação destes três elementos que irá definir a funcionalidade da família.

Recursos e capacidade de adaptação da família

Pertence à família o papel de projetar as mudanças necessárias face ao contexto e às dificuldades pelas quais vai passando, criando um novo espaço para os seus membros (Dias, 2000), o que envolve necessariamente alguma flexibilidade. É portanto fundamental uma transformação constante da posição dos membros familiares, em relação uns aos outros, para que seja possível um crescimento enquanto o sistema familiar mantém a continuidade (Minuchin, 1974).

No que diz respeito à flexibilidade familiar, esta revela uma preocupação na forma como o sistema equilibra a estabilidade perante a mudança (Maynard & Olson, 1987; Olson, 2000). Inclui conceitos específicos, como o controlo, a disciplina, os estilos de negociação, os papéis relacionais, assim como as regras relacionais (Olson & Gorall, 2003).

Por sua vez, os recursos que a família pode utilizar e gerir, a partir do ambiente social em que se insere, têm impactos diretos e indiretos no funcionamento familiar (Ma, Wong, Lau, & Shuk Han, 2009). De facto, as competências sociais na forma de lidar com o *stress* apresentam uma maior influência no funcionamento familiar do que a natureza da adversidade familiar em si (Johnson, 1998). Quanto mais resiliente for a

família, mais apta será para a resolução de problemas através da utilização eficaz dos recursos (Lee, Jackson, Parker, DuBose, & Botchway, 2009): os recursos pessoais de cada membro familiar (e.g., bem-estar, características pessoais), os recursos internos do sistema familiar como a comunicação aberta ou o apoio mútuo (McCubbin, Patterson, Bauman, & Harris, 1981) bem como o apoio social de recursos externos à família (McCubbin & Patterson, 1983). A capacidade de adaptação é uma resposta positiva ao *stress* (Minuchin, 1974), sendo uma das características que distingue as famílias funcionais das disfuncionais (Olson, 2000). Se os recursos adequados não forem ativados para lidar com o *stress* da acomodação a novas situações, este poderá torna-se patológico (Minuchin, 1974).

Comunicação Familiar

Ao longo dos últimos anos, várias investigações têm demonstrado, de forma consistente, que a comunicação familiar entre pais e adolescentes desempenha um papel significativo no ajustamento psicossocial dos adolescentes e jovens adultos (e.g., López, Ochoa, & Olaizola, 2005; Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011). De uma forma geral, uma boa comunicação pais-filhos que ofereça oportunidades de participação e troca de ideias facilita o processo de autonomia dos adolescentes (Koesten, 2004), tarefa fulcral nesta fase do ciclo vital (Carr, 2006). De facto, a qualidade da comunicação pais-filhos é um importante promotor do desenvolvimento saudável dos adolescentes (Meschke & Juang, 2014), nomeadamente ao nível do autoconceito positivo (López, Pérez, Ruiz, & Ochoa, 2007). Adolescentes que percecionem melhores níveis de comunicação aberta apresentam um melhor ajustamento psicossocial (Zhiwen et al., 2011). Por seu turno, um ambiente familiar negativo, caracterizado por problemas na comunicação entre pais e adolescentes, constitui um fator de risco para o desenvolvimento de problemas externalizantes em contexto escolar (López et al., 2007), bem como para sentimentos de solidão e depressão (Brage & Meredith, 1994).

No que concerne à diferença inter-sexos ao nível da comunicação, os resultados encontrados são pouco consensuais. Se por um lado estudos referem que os rapazes reportam uma melhor comunicação com os membros familiares do que as raparigas (Torrente, 2005), outros estudos referem, por sua vez, que são as raparigas que reportam

uma forma de comunicação mais aberta com os seus pais (Rosnati, Iafrate, & Scabini, 2007). Barnes e Olson (1985) não encontraram diferenças na forma como os rapazes e as raparigas percebem a comunicação com os seus pais.

O facto de apenas ter sido estudada a relação entre a comunicação pais-adolescente e o ajustamento psicossocial, sem ter sido examinado qualquer fator mediador entre estas duas variáveis, constitui uma limitação de investigação nesta área (Zhiwen et al., 2011).

Sobrecarga de Dificuldades

A família pode ser considerada resultado de um conjunto dinâmico tanto de variáveis estruturais intrafamiliares como de realidades extrafamiliares. De facto, Minuchin (1974) refere algumas fontes de *stress* que podem contribuir para a sobrecarga sentida pelas famílias, como o contacto *stressante* de um dos membros da família com forças extrafamiliares, como é o caso da influência do ambiente laboral de um dos pais no seu bem-estar, o qual por sua vez se irá refletir na família. Também, o contacto de toda a família com forças extrafamiliares, como por exemplo, a crise económica uma vez que a família é obrigatoriamente envolvida na evolução que caracteriza o contexto sociocultural em que se encontra inserida (Dias, 2000). De facto, as condições económicas desempenham uma peculiar importância no desenvolvimento dos adolescentes através do comportamento parental (Conger et al., 1992; Leinonen, Solantaus, & Punamäki, 2002). Por último, Minuchin (1974) também se refere ao *stress* em momentos de transição da família, como por exemplo durante o desenvolvimento dos filhos (Cappa, Begle, Conger, Dumas, & Conger, 2011), uma vez que os pais enfrentam focos de *stress*, tais como a tomada de decisões relacionadas com estratégias parentais, a gestão comportamental dos filhos, preocupações ao nível da saúde e responsabilidades educacionais, as quais se encontram acrescidas numa fase tão importante como a adolescência. Por sua vez, todos os focos de *stress* que sobrecarregam a família levam ao aumento do cansaço, o qual apresenta uma influência nas crenças e comportamentos parentais (Dunning & Giallo, 2012). De facto, segundo Henry et al. (2006), os adolescentes percebem que o funcionamento familiar se encontra relacionado com os comportamentos parentais.

Ao nível do ajustamento psicossocial dos adolescentes, um ambiente familiar marcado pelo *stress* encontra-se associado a sintomas depressivos nos adolescentes, assim como ao abuso de substâncias (Low et al., 2012), servindo este último como um mecanismo de evitamento ou de fuga aos problemas familiares. São também encontradas diferenças de sexo no que concerne à forma de lidar com o *stress* (Hankin & Abramson, 2001), sendo que as raparigas reportam mais frequentemente *stress* e preocupações em relação aos rapazes (Low et al., 2012), o que se encontra relacionado com a severidade com que estas experienciam os eventos *stressantes* (Calvete, Camara, Estevez, & Villardon, 2011).

O *coping* como mediador da relação entre funcionamento familiar e ajustamento psicossocial

Por *coping* entende-se o conjunto de estratégias usadas para lidar com ameaças (Lazarus, 1966), por outras palavras, é o esforço investido na gestão do *stress* psicológico (Lazarus, 1999).

Lazarus e Folkman (1984) propõem um modelo que divide o *coping* em duas categorias funcionais: *coping* focalizado na emoção ou estratégias de *coping* desadaptativas, quando existe uma avaliação de que nada pode ser feito para modificar condições ambientais difíceis, prejudiciais ou ameaçadoras, envolvendo estratégias como a Ruminação, Externalização e Evitamento; e *coping* focalizado no problema, considerado mais adaptativo, quando as condições são avaliadas como passíveis de mudança, sendo utilizadas neste caso estratégias como a procura de Apoio Social ou Procura de Soluções alternativas de forma a resolver o problema.

Desde os anos 60 que tem havido uma crescente consciencialização de que quando o *stress* está presente na vida das pessoas, o *coping* é o responsável pela diferença a nível do resultado (Lazarus & Folkman, 1984), contribuindo para o desenvolvimento de saúde física e mental (Skinner & Zimmer-Gembeck, 2009). As estratégias utilizadas irão depender das circunstâncias, do próprio adolescente e do seu nível de desenvolvimento (Couceiro, 2008) levando a que seja um processo flexível, havendo um alternar de estratégias de *coping* ao longo do tempo, designadamente em função do tipo de *stressor* (Skinner & Zimmer-Gembeck, 2009).

Diferentes estudos têm demonstrado a influência de fatores familiares nas estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes. Por exemplo, Cappa et al. (2011) observaram que a forma como os pais reagem a situações de *stress* se encontra relacionada com as respostas de *coping* dos adolescentes, como por exemplo através da modelagem (Kliewer & Fearnow, 1996). Outros fatores também identificados como influenciadores do *coping* dos adolescentes foram a qualidade da relação pais-filhos, o ambiente familiar e a estrutura familiar (Kliewer & Fearnow, 1996). Concretamente em relação ao ambiente familiar, famílias coesas, com baixo nível de conflito e comunicativas podem levar a comportamentos de *coping* adaptativos, e por outro lado ambientes sociais que incluam relações hostis e caóticas encontram-se associados a respostas de *coping* desadaptativas (Zimmer-Gembeck & Locke, 2007). Em suma, o suporte familiar percebido encontra-se associado a uma menor utilização de estratégias de *coping* desadaptativas (Cicognani, 2011).

Também têm sido encontradas diferenças de sexo ao nível da utilização das estratégias de *coping*, tendo frequentemente como origem os papéis sociais tradicionais (Compas, 1987). Esta diferença é visível sobretudo nas estratégias focalizadas na emoção, sendo as raparigas que tendem a responder em maior número a momentos *stressantes* através do evitamento (De Boo & Spiering, 2010), nomeadamente através da ruminação (Low et al., 2012). Neste sentido, os rapazes tendem a utilizar estratégias de *coping* orientadas para a resolução do problema e para a positivação das condições *stressantes* (Low et al., 2012; Ystgaard, Tambs, & Dalgard, 1999). Contrariamente, evidências empíricas sugerem que as raparigas são socialmente mais orientadas para o apoio social, enquanto os rapazes tendem a evitar o problema (Bird & Harris, 1990; Cicognani, 2011; Copeland & Hess, 1995; Patterson & McCubbin, 1987).

Segundo Felsten (1998) e Matud (2004) diferenças de sexo na utilização de estratégias de *coping* aparentam estar a diminuir e a tornar-se menos consistentes, podendo este processo ser paralelo às mudanças na sociedade do que diz respeito aos papéis sociais, que tendem a aproximar-se.

Diversos estudos têm também mostrado que as estratégias de *coping* estão relacionadas com o ajustamento psicossocial dos adolescentes (e.g., Borges, Manso, Tomé & Matos, 2006; Estévez, Delgado, & Parra, 2012).

Adolescentes que alterem o uso de estratégias de *coping* adaptativas para desadaptativas exibem um aumento significativo em termos de sintomas depressivos, enquanto a depressão tende a diminuir em sujeitos que alterem de estratégias de *coping* desadaptativas para adaptativas (Seiffge-Krenke, Weidemann, Fentner, Aegenheister, & Poebblau, 2001). De facto, vários estudos referem que estratégias de *coping* adaptativas se encontram relacionadas com baixos níveis de depressão (Campos et al., 2012; Lengua & Stormshak, 2000) e um índice mais elevado de bem-estar psicológico (Câmara & Carlotto, 2007), enquanto estratégias de *coping* desadaptativas, como o evitamento, se encontram relacionadas com altos níveis de depressão, comportamento antissocial (Estévez et al., 2012; Felsten, 1998; Lengua & Stormshak, 2000; Sigmon & Stanton, 1995), sintomas de agressividade (Compas, Connor-Smith, Saltzman, Thomsen, & Wadsworth, 2001), bem como outras perturbações psicológicas (Matos et al., 2008). Por sua vez a estratégia de *coping* externalização encontra-se também associada a níveis mais elevados de depressão (Jose et al., 1998).

Concretamente em relação ao apoio social, têm sido encontrados resultados díspares no que concerne ao seu papel adaptativo enquanto estratégia de *coping*. Lengua e Stormshak (2000), referem que esta estratégia se encontra relacionada com níveis elevados de comportamento antissocial e abuso de substâncias, postulando que o apoio social dos pares não é necessariamente protetor em jovens adolescentes. Todavia, Jose et al. (1998) referem que o suporte social providencia uma forma de lidar com os efeitos do *stress*, pelo que défices no suporte social contribuem para um funcionamento desadaptativo (Jorgensen & Dusek, 1990; Seiffge-Krenke, 2004). Neste sentido, o suporte social através do grupo de pares ou outros familiares, será adaptativo para adolescentes que experienciem relações familiares negativas, de forma a compensar a falta de suporte familiar (Seiffge-Krenke, 2004).

Ao analisarmos as diferenças inter-sexos, verificamos que as raparigas tendem a ser conduzidas a um sentimento de exaustão mais rápido, dificultando o processo de adaptação e recuperação, levando a que apresentem resultados médios em termos de comportamento depressivo, ansioso e obsessivo, superiores em relação aos rapazes (Borges, Manso, Tomé, & Matos, 2006; Matos et al., 2008; Prioste et al., 2010). Por sua vez, os rapazes apresentam uma menor capacidade de regulação comportamental, levando ao aumento de comportamentos hiperativos, acrescendo assim o risco de

comportamentos de externalização, como o comportamento antissocial, agressivo, perturbações da atenção e abuso de substâncias (Else-Quest, Hyde, Goldsmith, & Van Hulle, 2006).

O Presente Estudo

Apesar do conjunto significativo de evidências empíricas demonstrando a associação das estratégias de *coping* dos adolescentes com o funcionamento familiar e com o (des)ajustamento psicossocial, nenhum estudo até à data, a que tenhamos tido acesso, investigou o papel mediador das estratégias de *coping* dos adolescentes na relação entre o funcionamento familiar e o (des)ajustamento psicossocial dos adolescentes. O presente estudo pretende deste modo contribuir para o preenchimento desta lacuna.

No presente propomo-nos investigar o papel mediador das estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes – apoio social, resolução de problemas, ruminação, externalização e evitamento - na relação do funcionamento familiar, nas suas três dimensões - recursos familiares, comunicação na família e dificuldades familiares – com o (des)ajustamento psicossocial dos adolescentes, em termos de sintomatologia de internalização e externalização, conforme apresentado na figura 1.

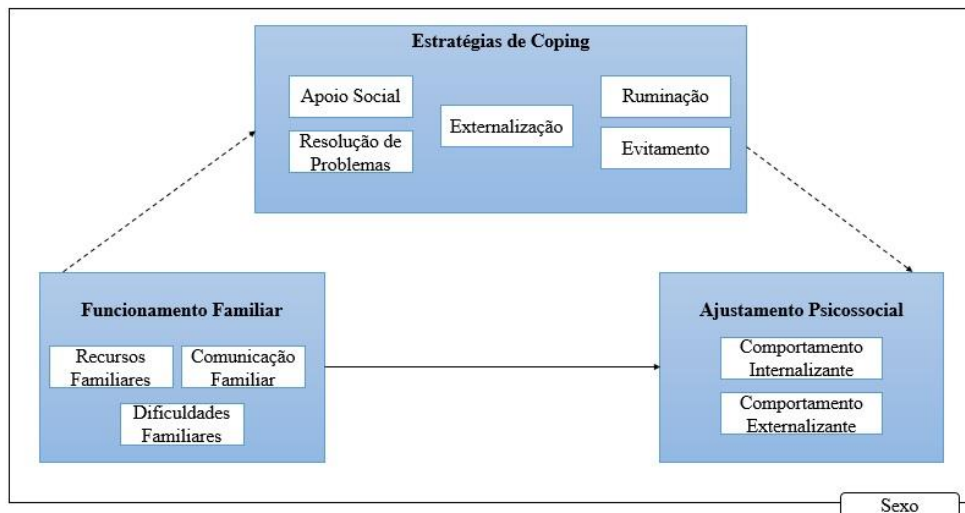


Figura 1. Modelo conceptual da relação entre as variáveis em investigação

De acordo com a literatura revista, propõem-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1 – Espera-se encontrar uma correlação entre um funcionamento familiar desadequado - sobrecarregado por dificuldades, baixos níveis de comunicação, baixa capacidade de adaptação - e um desajustamento psicossocial, tanto em termos de sintomatologia de internalização como de externalização

Hipótese 2 – Espera-se que exista uma correlação entre um funcionamento familiar adequado e os estilos de *coping* adaptativos (apoio social e resolução de problemas). Por sua vez espera-se que um funcionamento familiar desadequado se encontre associada a um estilo de *coping* desadaptativo (ruminação, externalização e evitamento).

Hipótese 3 – Estratégias de *coping* adaptativas encontram-se correlacionadas positivamente com o ajustamento psicossocial do adolescente, ao invés das estratégias de *coping* desadaptativas, as quais se encontram correlacionadas positivamente com o desajustamento psicossocial.

Hipótese 4 – Um funcionamento familiar adequado é preditor do ajustamento psicossocial.

Hipótese 5 – As estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente medeiam a relação entre o funcionamento familiar e o (des)ajustamento psicossocial do adolescente.

Tendo em conta a falta de consenso na literatura no que diz respeito à variável sexo, estabeleceu-se ainda o seguinte objetivo de investigação:

- a) Investigar diferenças de sexo quanto às estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes.

Método

Amostra

Participaram na presente investigação 354 estudantes do ensino básico e secundário, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos ($M = 15.27$; $DP = 1.87$), de diversas escolas da região da Grande Lisboa. Do número total de estudantes, 43.2% eram do sexo masculino e 56.8% do sexo feminino, sendo que 37.1% da amostra frequentava o ensino básico (7º, 8º e 9º ano de escolaridade) e 62.9% frequentava o ensino secundário (10º, 11º e 12º ano de escolaridade). A maioria dos estudantes é de origem Caucasiana (91.3%), no entanto alguns participantes incluem-se dentro de outras

categorias étnicas, nomeadamente Africana (5.1%), Caucasiana-Africana (2.1%), Asiática (0.9%) e outras (0.6%). No que se refere à estrutura familiar, a maioria dos adolescentes era proveniente de famílias nucleares intactas (74.1%), embora alguns participantes pertencessem a famílias monoparentais (13.1%), reconstituídas (6.5%), transgeracionais (4.5%) ou alargadas (1.7%). Relativamente ao nível socioeconómico (NSE) das famílias, 27.6% da presente amostra possui um NSE baixo, 46.4% médio e 25.9% médio-alto ou alto.

Instrumentos

No presente estudo, para a recolha de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos de autorrelato:

Questionário de Dados Pessoais e Sociodemográfico. Visa recolher informações de índole sociodemográfica e pessoal dos participantes, sendo constituído por questões relativas ao sexo, idade, ano de escolaridade, situação familiar, nível de escolaridade e profissão dos pais, entre outras.

Score-15 .É um instrumento de autorrelato, desenvolvido por Stratton, Bland, Janes e Lask (2010), derivado do original Score-40, que avalia vários aspetos do funcionamento familiar que são sensíveis à mudança terapêutica, contendo itens que se distribuem por três dimensões: Recursos Familiares (e.g., “Somos bons a encontrar novas formas de lidar com as dificuldades”), Comunicação na Família (e.g., “Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros”) e Dificuldades Familiares (e.g., “Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia”) (Vilaça, Silva, & Relvas, 2014).

É constituído por 15 itens pontuáveis numa escala de Likert de 1 (“*Descreve-nos muito bem*”) a 5 (“*Descreve-nos muito mal*”), sobre uma série de afirmações relacionadas com a vida familiar. No que diz respeito à interpretação dos dados, as pontuações mais elevadas correspondem a maiores dificuldades na família e resultados mais baixos correspondem, por sua vez, a um melhor funcionamento familiar (Vilaça et al., 2014).

A versão portuguesa utilizada nesta investigação (Vilaça et al., 2014) apresenta bons níveis de consistência interna ($\alpha = .84$), nomeadamente nas subescalas recursos

familiares ($\alpha = .85$), comunicação familiar ($\alpha = .83$) e dificuldades familiares ($\alpha = .82$) (Vilaça et al., 2014). No presente estudo, os valores de consistência interna obtidos foram também bastante satisfatórios ($\alpha = .88$, $\alpha = .83$, $\alpha = .66$ e $\alpha = .77$, respetivamente).

Coping & Resiliência (C&R; *Youth Connectedness Project*, 2006). O C&R é um questionário que pretende medir as estratégias de *coping* e a resiliência. Esta versão, de Crespo e Francisco (2011), é constituída por 5 itens que medem a resiliência e 15 itens que medem as seguintes 5 estratégias de *coping*: Procura de Apoio Social (e.g., “Falo com outras pessoas sobre a forma como me estou a sentir”), Resolução de Problemas (e.g., “Tento mudar a situação para resolver o problema”), Evitamento (e.g., “Evito lidar com os meus problemas”), Externalização (e.g., “Entro em lutas ou discuto com as pessoas) e Ruminação (e.g. “Penso porque é que não consigo lidar melhor com as coisas?”). Uma vez que a resiliência não foi uma variável considerada na presente investigação, utilizaram-se apenas os 15 itens relativos às estratégias de *coping*. Cada participante deverá assinar numa escala de Likert, de 1 (“*Nunca/Quase nunca*”) a 5 (“*Sempre/Quase sempre*”), a frequência com que costuma pensar/fazer cada item da escala.

As subescalas referentes a esta variável revelaram uma boa consistência interna, com alfas mais elevados nas subescalas Procura de Apoio Social ($\alpha = .76$) e Ruminação ($\alpha = .74$), do que nas subescalas Resolução de Problemas ($\alpha = .67$), Externalização ($\alpha = .69$) e Evitamento ($\alpha = .70$). No presente estudo, os valores obtidos são também bastante satisfatórios: Procura de Apoio Social ($\alpha = .76$), Resolução de Problemas ($\alpha = .79$), Ruminação ($\alpha = .74$), Externalização ($\alpha = .66$) e Evitamento ($\alpha = .69$).

Inventário de Problemas de Comportamento para Crianças e Adolescentes – Youth Self Report (YSR). O YSR é uma medida de autoavaliação do comportamento para crianças e adolescentes que faz parte de um conjunto de instrumentos propostos por Achenbach (1991), adaptado e aferido para a população Portuguesa por Psiquilíbrios Edições © (2013), sendo esta a versão adotada no presente estudo.

O YSR encontra-se organizado em 3 índices e 6 subescalas, sendo que na presente investigação, foram utilizadas apenas as subescalas Ansiidade/Depressão (e.g., “choro muito”, “preocupo-me muito”) que se encontra associada aos diagnósticos categoriais de ansiedade e depressão; a escala Isolamento/Depressão (e.g., “gosto mais

de estar sozinho do que acompanhado”, “estou infeliz, triste ou deprimido”) que se encontra associada ao isolamento, mal-estar interpessoal e energia reduzida; assim como a subescala Comportamento Agressivo (e.g., “discuto muito”, “agrido fisicamente outras pessoas”), que surge associado, entre outras, às perturbações de desafio, oposição e de conduta (Gonçalves & Simões, 2000). De forma a melhor avaliar o ajustamento psicossocial dos adolescentes, agruparam-se as referidas subescalas de acordo com a sua saturação no que diz respeito à internalização (Ansiedade/Depressão e Isolamento/Depressão) e externalização (Comportamento Agressivo).

Cada participante assinala numa escala de 0 a 2 (0 = *Nada verdadeiro*; 2 = *Muitas vezes verdadeiro*) em que medida cada item da escala se aplica ou não a si, tendo como referência temporal os últimos 6 meses (Fonseca & Monteiro, 1999).

Os índices de consistência interna obtidos na versão original são, de forma geral, muito satisfatórios, apresentando valores médios de .70 para rapazes e para raparigas (Achenbach, 1991). Na presente amostra os valores de consistência interna obtidos são, também eles, muito satisfatórios: Internalização ($\alpha = .82$) e Externalização ($\alpha = .82$).

Procedimento de Recolha de Dados

Após aprovação do projeto em que esta investigação se insere pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, foi pedida colaboração à direção de diversos estabelecimentos de ensino¹. Posteriormente foi pedida autorização aos pais dos participantes (no caso dos estudantes menores de idade), através do envio de uma carta onde se explicavam os objetivos e a relevância da investigação². O consentimento informado dos alunos foi pedido no momento do preenchimento dos protocolos, que decorreu entre Janeiro e Abril de 2014.

Os participantes preencheram os protocolos³ anonimamente e sem qualquer remuneração, tanto em contexto de sala de aula com a presença do professor da disciplina e de um dos investigadores do projeto, assim como no domicílio, dependendo

¹ O documento de pedido de autorização às Escolas encontra-se em anexo A.

² O documento de autorização dos Pais pode ser consultado em anexo B.

³ O protocolo utilizado pode ser consultado em anexo C.

das diretivas da cada uma das Escolas. Para preenchimento em contexto domiciliário, entregou-se o protocolo aos participantes, que foi devolvido cerca de uma semana depois, em envelope fechado. O tempo total de resposta aos questionários que compõem o protocolo rondou os 40 minutos.

Recorreu-se, assim, a um processo de amostragem não probabilística de conveniência (com os participantes provenientes de várias escolas da zona da Grande Lisboa), bem como uma amostragem de propagação geométrica (*snowball*).

Procedimento de Análise de Dados

Os dados recolhidos foram analisados através do *software* SPSS versão 22.0. Testaram-se as diferenças de médias ao nível do sexo dos jovens, utilizando o teste *t-Student*. Consideraram-se diferenças estatisticamente significativas as que apresentaram um *p-value* do teste igual ou inferior a 0,05. Procedeu-se à análise das correlações entre as variáveis em estudo, recorrendo ao coeficiente de correlação de *Pearson*.

De forma a testar o modelo de mediação proposto, utilizou-se a abordagem de Modelos de Equações Estruturais (SEM), usando o *software* Amos 22.0 (Byrne, 2010). Foram realizadas análises de trajetórias de forma a estudar as relações estruturais (efeitos diretos e indiretos) entre as variáveis manifestas a partir da estrutura correlacional observada entre essas variáveis. Os efeitos indiretos correspondem aos efeitos de mediação. A significância dos efeitos de mediação foi avaliada com recurso ao método por reamostragem *bootstrap* (Marôco, 2010). O ajustamento do modelo foi avaliado com o Índice *Goodness of Fit* (GFI) e *Comparative Fit* (CFI), bem como *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Valores de GFI e CFI maiores ou iguais a 0.90, assim como valores de RMSEA inferiores a 0.08 tornam-se indicadores de um bom ajustamento do modelo (Marôco, 2010).

Resultados

No Quadro 1 apresentam-se as correlações entre as variáveis em estudo, obtidas através do coeficiente de correlação de *Pearson*. A força das correlações entre as variáveis será analisada tomando como referência Cohen (1992).

Quadro 1

Correlações entre as variáveis em estudo (N = 354)

Variáveis	1	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
Funcionamento familiar	1.Recursos Familiares	-								
	2.Comunicação Familiar	,557**	-							
	3.Dificuldades Familiares	,566**	,717**	-						
Estratégias de coping	4.Apoio Social	-,182**	-,168**	-,103	-					
	5.Resolução Problemas	-,283**	-,238**	-,264**	,366**	-				
	6.Ruminação	,220**	,245**	,237**	-,037	-,063	-			
	7.Externalização	,173**	,184**	,221**	,086	-,136*	,298**	-		
	8.Evitamento	,230**	,250**	,216**	-,146**	-,327**	,321**	,307**	-	
Ajustamento psicossocial	9.Comportamento Internalizante	,320**	,246**	,286**	-,285**	-,189**	,467**	,224**	,310**	-
	10.Comportamento Externalizante	,320**	,290**	,311**	,012	-,154**	,331**	,630**	,354**	,423**

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; as correlações sinalizadas a negrito são consideradas significativas.

As três dimensões do funcionamento familiar (recursos familiares, comunicação e dificuldades familiares) encontram-se positivamente correlacionadas com as estratégias de *coping* desadaptativas (ruminação, externalização e evitamento) e negativamente com as estratégias de *coping* adaptativas (apoio social e resolução de problemas). Todas as correlações são muito fracas, apesar de estatisticamente significativas, expeto a correlação entre as dificuldades familiares e o apoio social, que não é significativa.

No que concerne ao ajustamento psicossocial dos adolescentes, verifica-se uma correlação negativa muito fraca entre os comportamentos internalizantes e as estratégias de *coping* adaptativas, apoio social e resolução de problemas. Por seu turno, verifica-se uma correlação positiva destes comportamentos com a utilização de estratégias de

coping desadaptativas, sendo esta correlação moderada com a ruminação ($r = .467$), muito fraca com a externalização e fraca com o evitamento.

No que diz respeito aos comportamentos externalizantes, verifica-se uma correlação negativa muito fraca com a resolução de problemas, ao invés das estratégias de *coping* desadaptativas, com as quais apresenta uma correlação positiva, especificamente fraca com a ruminação e evitamento, e muito elevada com a externalização ($r = .630$).

Por fim, todas as dimensões do funcionamento familiar apresentam correlações positivas, embora consideradas fracas e muito fracas, com o ajustamento psicossocial, tanto a um nível internalizante como externalizante.

No Quadro 2 apresentam-se os resultados médios comparativos das variáveis em estudo, separados em função do sexo dos participantes.

Quadro 2

Estatística descritiva das variáveis em estudo em função do sexo dos participantes (N=354)

			Sexo Feminino (N=201)		Sexo Masculino (N=153)			
	Variáveis	Amplitude	M	DP	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>
Funcionamento familiar	Recursos Familiares	1 - 5	1.94	.80	2.06	.83	1.37	.171
	Comunicação Familiar	1 - 5	1.99	.69	2.23	.81	2.89**	.004
	Dificuldades Familiares	1 - 5	2.05	.77	2.20	.90	1.57	.116
Estratégias de <i>coping</i>	Apoio Social	1 - 5	3.01	.96	2.79	.91	-2.16*	.032
	Resolução de Problemas	1 - 5	3.65	.78	3.46	.86	-2.13*	.034
	Ruminação	1 - 5	2.67	.96	2.50	.97	-1.59	.112
	Externalização	1 - 5	2.07	.88	1.88	.78	-2.14*	.033
	Evitamento	1 - 5	1.62	.65	1.67	.75	0.62	.539
Ajustament o psicossocial	Comportamento Internalizante	0 - 2	.60	.31	.48	.33	-3.32***	.001
	Comportamento Externalizante	0 - 2	.39	.25	.40	.29	0.27	.787

Nota. *t* – Resultado teste *t*-student; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$; as diferenças significativas encontram-se a negrito.

Verifica-se que, nas dimensões do funcionamento familiar (recursos, comunicação e dificuldades), os rapazes apresentam valores médios superiores aos das raparigas, indicando-nos uma perceção de maiores dificuldades na família.

No que se refere às estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes, as raparigas apresentam valores médios de apoio social, resolução de problemas, ruminação e externalização, significativamente superiores aos reportados pelos rapazes.

Relativamente ao ajustamento psicossocial, verificam-se diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito a comportamentos internalizantes, apresentando as raparigas resultados superiores em relação aos rapazes.

Foram realizadas análises de trajetórias de forma a testar o modelo de medida. O modelo proposto possui um bom ajustamento: GFI = 0.92, CFI = 0.92, RMSEA = 0.06. Na figura 2 apresenta-se o modelo de mediação das estratégias de *coping*, com as estimativas dos coeficientes de trajetória estandardizados e respetiva significância.

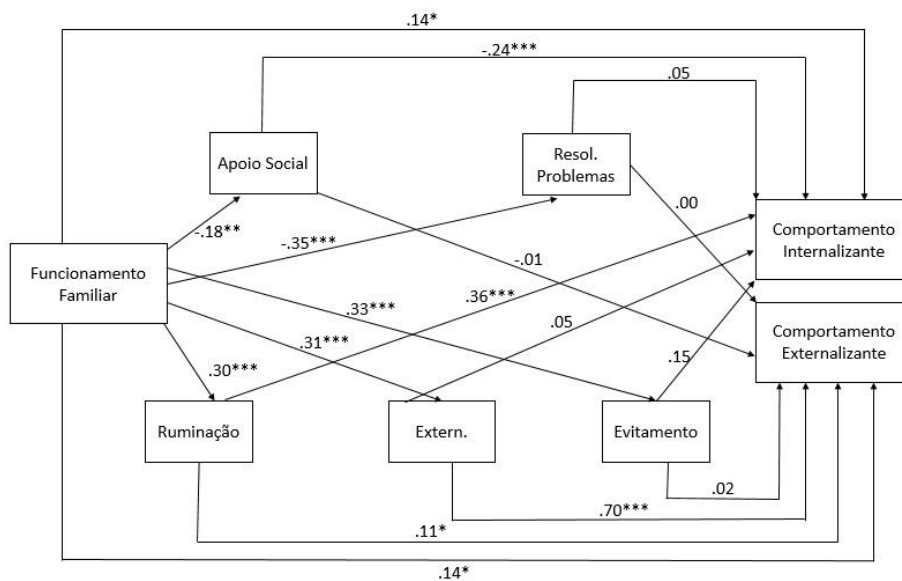


Figura 2. Modelo de mediação das estratégias de *coping* entre o funcionamento familiar e o desajustamento psicossocial. Resol. Problemas = Resolução de Problemas; Extern. = Externalização. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Os resultados mostraram a existência de efeitos diretos entre o funcionamento familiar e as estratégias de *coping* Apoio Social ($\beta = .006$, $p < .001$), Resolução de Problemas, Ruminação, Externalização e Evitamento ($\beta = .001$, $p < .001$). Verificaram-se ainda efeitos diretos entre as estratégias de *coping* e o ajustamento psicossocial dos

adolescentes, nomeadamente entre a externalização e o comportamento externalizante ($\beta = .001, p < .001$), a ruminação e o comportamento externalizante ($\beta = .037, p < .05$) e internalizante ($\beta = .001, p < .001$), bem como entre o apoio social e o comportamento internalizante ($\beta = .001, p < .001$). Foram também visíveis efeitos diretos entre o funcionamento familiar e o comportamento externalizante ($\beta = .020, p < .05$) e o internalizante ($\beta = .030, p < .05$).

Os resultados indicaram também a existência de efeitos indiretos entre o funcionamento familiar e o desajustamento psicossocial, nomeadamente com o comportamento externalizante ($\beta = .001, p < .05$) através das estratégias de *coping* Ruminação e Externalização; bem como com o comportamento internalizante ($\beta = .001, p < .05$) através das estratégias de *coping* Ruminação e Apoio Social. A estratégia de *coping* Externalização não se revelou mediadora da relação entre o funcionamento familiar e o comportamento internalizante ($\beta = .417, p = .05$) assim como a estratégia de *coping* Apoio Social não se revelou mediadora da relação entre o funcionamento familiar e o comportamento externalizante ($\beta = .925, p > .05$). Não foram encontrados quaisquer efeitos indiretos através das estratégias de *coping* Evitamento e Resolução de Problemas.

Discussão

A presente investigação tinha como objetivo explorar a relação entre três dimensões do funcionamento familiar – Recursos, a Comunicação e as Dificuldades – e o ajustamento psicossocial no adolescente, em termos de sintomatologia de internalização e externalização. Pretendia ainda testar o papel mediador das estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes, entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial, assim como explorar as diferenças de sexo nas variáveis estudadas.

A primeira hipótese pretendia verificar a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial. Os resultados mostram-nos que as dificuldades familiares, a falta de comunicação adequada e a ausência de recursos familiares para lidar com a adversidade sentidas pelo adolescente estão associadas ao seu próprio desajustamento psicossocial, considerando a sintomatologia de internalização e de externalização. Os resultados obtidos vão ao encontro da literatura,

confirmando que um ambiente familiar marcado pelo *stress* encontra-se associado a sintomas depressivos nos adolescentes (Low et al., 2012), assim como a problemas de comportamento (Hakvoort et al., 2010; Shek, 1997). Quanto mais resiliente for a família, mais apta será para a resolução de problemas através da utilização eficaz dos recursos (Lee et al., 2009), indicando-nos que quanto menor for essa capacidade, bem como quando existem mais dificuldades familiares, mais sintomas internalizantes e externalizantes irão os adolescentes apresentar. Tal como referido por Minuchin (1974), o *stress* relacionado com a necessidade de adaptação e acomodação a novas situações pode tornar-se patológico, o qual se pode refletir através do desajustamento psicossocial dos membros familiares.

Relativamente à comunicação familiar, os resultados mostram também que adolescentes que percecionem melhores níveis de comunicação aberta, apresentam um melhor ajustamento psicossocial, tal como encontrado na literatura (e.g., Meschke & Juang, 2014; Zhiwen et al., 2011). Por seu turno, um ambiente familiar caracterizado por problemas na comunicação constitui um fator de risco para o desenvolvimento de problemas externalizantes (López et al., 2007) e internalizantes (Brage & Meredith, 1994).

A segunda hipótese pretendia averiguar a relação entre as dimensões do funcionamento familiar e o tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente, uma vez que diversos estudos (e.g., Cappa et al., 2011; Kliewer & Fearnow, 1996) têm mostrado a existência dessa relação. Esta hipótese foi parcialmente confirmada. O apoio social encontra-se apenas relacionado com os recursos e comunicação familiar, mostrando que quanto melhor o funcionamento familiar nestas duas dimensões, mais elevado é o recurso dos adolescentes a este tipo de estratégia de *coping*. Por sua vez, a estratégia referente à resolução de problemas, encontra-se relacionada com todas as dimensões do funcionamento familiar, indicando-nos, tal como hipotetizado, que a perceção de um melhor funcionamento familiar está associada ao recurso a este tipo de estratégia, indo ao encontro dos resultados apresentados por Zimmer-Gembeck e Lock (2007).

Relativamente à utilização de estratégias de *coping* desadaptativas por parte do adolescente, os resultados mostram que todas as dimensões do funcionamento familiar analisadas – recursos, comunicação e dificuldades –, estão relacionadas com a utilização

deste tipo de estratégias de *coping*, corroborando mais uma vez os resultados do estudo de Zimmer-Gembeck e Lock (2007). Assim, um pior funcionamento familiar está associado ao recurso a mais estratégias de *coping* desadaptativas. Contudo, importa perceber a direção desta associação, no sentido de compreender se esta influência decorre por modelagem ou pelo facto dos adolescentes considerarem este tipo de estratégias uma forma mais rápida de lidar com o *stress* decorrente de um funcionamento familiar desadequado.

Tendo em conta que diversos estudos têm também mostrado que as estratégias de *coping* estão relacionadas com o ajustamento psicossocial dos adolescentes (e.g., Borges et al., 2006; Estévez et al., 2012) a terceira hipótese colocada pretendia analisar esta relação na nossa amostra de adolescente. Segundos os resultados obtidos, podemos verificar que a utilização de estratégias de *coping* adaptativas se encontra relacionada negativamente com o desajustamento psicossocial, tanto ao nível de sintomatologia internalizante como externalizante. A procura de apoio social é uma exceção, pois não apresenta correlação com a sintomatologia de externalização, apenas com a de internalização. Estes resultados vão ao encontro da literatura existente, uma vez que as estratégias adaptativas de aproximação ao problema contribuem para um índice mais elevado de bem-estar psicológico (Câmara & Carlotto, 2007) e baixos níveis de depressão (Estévez et al., 2012; Lengua & Stormshak, 2000).

Especificamente no que concerne à estratégia procura de apoio social, os resultados sugerem que esta estratégia não se encontra relacionada com o comportamento externalizante, corroborando os resultados de outros estudos (Jorgensen & Dusek, 1990; Jose et al., 1998; Seiffge-Krenke, 2004), mas contradizendo outros que referem que o apoio social se encontra relacionado com níveis elevados de comportamento antissocial e abuso de substâncias (Lengua & Stormshak, 2000). Esta divergência de resultados poderá estar associada à diferença de idades da população em estudo bem como à influência da cultura, uma vez que Lengua e Stormshak (2000) se referem a adolescentes americanos, com uma média de idade de 18 anos. Também o facto de o instrumento utilizado, na presente investigação, avaliar o apoio social através da facilidade de comunicação com elementos significativos na vida do adolescente, e não se focar no grupo de pares, pode ter contribuído para a diferença de resultados encontrada. Tendo em conta o exposto, considera-se pertinente uma avaliação mais

aprofundada sobre a influência do grupo de pares no ajustamento psicossocial do adolescente, concretamente através do apoio social fornecido. Os resultados encontrados levam-nos, assim, a considerar que a presente estratégia pode ser protetora numa amostra de adolescentes portugueses, sobretudo numa etapa média da adolescência. Em estudos futuros dever-se-á tentar perceber, de forma diferenciada, quais os sistemas a que o adolescente recorre quando é ativada a estratégia de *coping* associada à procura de apoio social.

Por sua vez, tal como hipotetizado, verifica-se que a utilização de estratégias de *coping* desadaptativas (ruminação, externalização e evitamento) se encontra positivamente relacionada com o desajustamento psicossocial. Estes resultados vão ao encontro de resultados de estudos que associam este tipo de estratégias de *coping* aos comportamentos internalizantes (Estévez et al., 2012; Jose et al., 1998; Lengua & Stormshak, 2000; Sigmon & Stanton, 1995) e externalizantes (Compas et al., 2001). Embora todas correlacionadas, importa ressaltar a forte correlação entre a ruminação e o comportamento internalizante, mostrando-nos que este se encontra bastante marcado pelos pensamentos negativos apresentados pelos adolescentes; assim como a relação entre a estratégia externalização e o comportamento externalizante, o que poderá estar associado ao facto de tanto o instrumento utilizado para avaliar as estratégias de *coping* como a subescala utilizada para avaliar o comportamento externalizante, apresentarem um enfoque no mesmo tipo de comportamentos (e.g., entrar em brigas e discutir com outras pessoas). Em estudos futuros, será útil perceber a associação entre a estratégia externalização e outras subescalas que avaliem o comportamento externalizante (e.g., comportamento delinquente) no sentido de melhor compreender esta correlação.

Analisando as diferenças entre sexos, no que diz respeito ao funcionamento familiar, os resultados mostraram que os rapazes tendem a percecionar uma pior comunicação familiar que as raparigas, o que vai ao encontro dos resultados de Rosnati et al. (2007), contrariando, contudo, os resultados de Barnes e Olson (1985) e Torrente (2005). Esta discrepância de resultados poderá estar associada a diferenças culturais em ambos os estudos, sendo que para no estudo de Torrente (2005) os próprios autores referem que os dados não são necessariamente extrapoláveis, tendo em conta que a família em Espanha tem mostrado um perfil mais conservador em relação a outros países ocidentais. Acrescente-se o facto dos estudos reportados analisarem a

comunicação pais-filhos, o que poderá influenciar a diferença de resultados encontrada, uma vez que no presente estudo a comunicação é analisada tendo em conta todo o sistema familiar.

Relativamente às estratégias de *coping* utilizadas, foram encontradas algumas diferenças entre raparigas e rapazes, especificamente nas estratégias apoio social, resolução de problemas, as quais dizem respeito ao *coping* focalizado no problema, e externalização, associada ao *coping* desadaptativo. Esta diferença informa-nos que as raparigas utilizam mais frequentemente estas estratégias de *coping*. No que diz respeito às estratégias focalizadas no problema, os resultados encontrados vão ao encontro da literatura existente (e.g., Bird & Harris, 1990; Cicognani, 2011; Copeland & Hess, 1995; Patterson & McCubbin, 1987), o que poderá estar associado ao facto das raparigas no presente estudo reportarem uma melhor comunicação familiar, a qual se sabe influenciar o processo de autonomia dos adolescentes (Koesten, 2004), bem como estar associada a comportamentos de coping adaptativos (Zimmer-Gembeck & Locke, 2007). Porém, este resultado contradiz Low et al. (2012), o que poderá estar associado ao facto de terem analisado formas de lidar com eventos específicos e relacionamentos, o que pode influenciar as estratégias de *coping* utilizadas, uma vez o tipo de estratégias de *coping* utilizadas varia em função do tipo de *stressor* (Skinner & Zimmer-Gembeck, 2009).

No que diz respeito à utilização de estratégias de *coping* desadaptativas, nomeadamente a externalização, os resultados encontrados apontam para um maior recurso a este tipo de estratégia pelas raparigas. Seria de esperar que ao nível do *coping* desadaptativo, as raparigas apresentassem valores superiores no evitamento (De Boo & Spiering, 2010) e na ruminação (Low et al., 2012), o qual não se verificou. Este resultado poderá estar associado ao facto das diferenças de género serem cada vez menos visíveis e consistentes, por influência das mudanças da sociedade no que concerne aos papéis sociais (Felsten, 1998; Matud, 2004).

Ao nível do (des)ajustamento, as raparigas apresentam valores médios de sintomatologia de internalização superiores aos rapazes, o que vai ao encontro de outros estudos realizados (e.g., Borges et al., 2006; Matos et al., 2008; Prioste et al., 2010), que nos referem que as raparigas tendem a ser conduzidas a um sentimento de exaustão mais rápido, dificultando o processo de adaptação e recuperação, levando a que apresentem

resultados médios em termos de comportamento depressivo, ansioso e obsessivo, superiores em relação aos rapazes. Contudo, ao contrário do esperado (Else-Quest et al., 2006) não foram encontradas diferenças entre sexos quanto à sintomatologia de externalização. Este resultado poderá estar associado à conjugação do facto das raparigas reportarem uma maior utilização de estratégias de coping externalizantes, com o facto de os rapazes apresentarem uma menor capacidade de regulação comportamental (Else-Quest et al., 2006). A conjugação destes dois elementos poderá então levar à não existência de diferenças inter-sexos, em termos de comportamento agressivo.

A quarta hipótese tinha como objetivo verificar se o funcionamento familiar se constitui como preditor do ajustamento psicossocial do adolescente. Os resultados encontrados mostraram existir um efeito direto entre o funcionamento familiar e o (des)ajustamento psicossocial, indicando-nos que a forma como os adolescentes percecionam o funcionamento da própria família influencia o seu comportamento, quer de internalização, quer de externalização (e.g., Hakvoort et al., 2010; Lindahl et al., 2012; Prevatt, 2003; Shek, 2002).

A última hipótese apresentada tinha como objetivo testar o efeito mediador das estratégias de *coping* na relação entre o funcionamento familiar e o desajustamento psicossocial dos adolescentes, uma vez que segundo Lazarus e Folkman (1984) o *coping* é o responsável pela diferença a nível do resultado. Verificou-se que o funcionamento familiar influencia a utilização de todas as estratégias de *coping* analisadas. Este resultado informa-nos que a perceção de um melhor funcionamento familiar se encontra associada a um maior recurso a estratégias de *coping* adaptativas, assim como a um menor recurso a estratégias de *coping* desadaptativas.

A hipótese colocada foi parcialmente confirmada, uma vez que apenas algumas das estratégias de *coping* avaliadas revelaram influenciar o desajustamento psicossocial dos adolescentes. Os resultados mostram que existe um efeito de mediação entre o funcionamento familiar e o comportamento externalizante, através das estratégias de *coping* ruminação e externalização, indicando-nos que os problemas de comportamento externalizante podem ser explicados pela utilização de estratégias de *coping* desadaptativas. Também a relação entre o funcionamento familiar e o comportamento internalizante é mediada por estratégias de *coping* tais como a ruminação e o apoio

social. A utilização de estratégias de *coping* desadaptativas, como a ruminação, funcionam como preditoras dos problemas de comportamento internalizante, ao invés do apoio social que parece desempenhar um papel protetor face ao desajustamento psicossocial. Tendo em conta o exposto e uma vez que o funcionamento familiar influencia o desajustamento psicossocial por si só, considera-se que existe uma mediação parcial das estratégias de *coping* identificadas na relação entre o funcionamento familiar e o desajustamento psicossocial.

De facto, a literatura tem estudado de forma exaustiva a relação entre o funcionamento familiar e o tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes (Cappa et al., 2011), assim como o papel que estas desempenham no ajustamento psicossocial dos jovens (e.g., Borges et al., 2006; Estévez et al., 2012). Porém, tendo em conta a literatura revista, pouco tem sido estudado relativamente à forma como o *coping* pode atuar na relação entre estas duas variáveis. É deste modo que se considera que o presente estudo vem contribuir para a literatura existente, mostrando que de facto várias estratégias de *coping* desempenham um papel mediador na relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial dos adolescentes portugueses.

Existem diversas limitações, contudo, que devem ser mencionadas. O facto da amostra recolhida se ter centrado exclusivamente na zona da Grande Lisboa, impossibilita a generalização dos resultados encontrados à população portuguesa. Esta limitação prende-se com o facto das preocupações sentidas pelos adolescentes no seio familiar poderem não ser coincidentes com as preocupações dos adolescentes de outras zonas geográficas, sobretudo em relação ao interior e zonas rurais do país.

Uma segunda limitação diz respeito aos instrumentos utilizados na recolha de informação. O facto de apenas terem sido utilizados instrumentos de autorrelato aumenta a probabilidade dos resultados terem sido enviesados por respostas de deseabilidade social (*faking good* e/ou *faking bad*), ou respostas ao acaso. Acrescente-se o facto da aplicação ter decorrido em contexto de sala de aula, uma vez que a proximidade física entre os adolescentes ao preencherem o questionário poderá ter influenciado o tipo de respostas fornecidas. Concomitantemente o preenchimento em contexto domiciliário impossibilitou o esclarecimento de eventuais dúvidas que tenham surgido. De forma a colmatar esta limitação, em estudos futuros seria benéfica a utilização de instrumentos

mais objetivos tais como a observação direta, recolhendo simultaneamente informação de diferentes informadores.

A presente investigação teria ainda beneficiado de um tipo de investigação qualitativa, com recurso a entrevistas aos pais e filhos, por exemplo, a qual complementasse o estudo quantitativo realizado, de forma a esclarecer as estratégias de *coping* utilizadas em função do tipo de *stressor*. Por último, a literatura beneficiaria ainda de uma investigação longitudinal, que permitisse verificar a estabilidade das correlações encontradas, bem como explorar outras correlações, como por exemplo com o rendimento académico.

Várias implicações práticas podem ser estabelecidas com base no presente estudo. Este destaca a importância das estratégias de *coping* utilizadas face a uma situação provocadora de *stress*, considerando diversas dimensões do funcionamento familiar, uma vez que várias estratégias de *coping* se revelaram mediadoras na relação entre o funcionamento familiar e o (des)ajustamento psicossocial dos adolescentes. Tendo em conta o exposto, reforçando o resultado encontrado que nos indica que o apoio social parece desempenhar um papel protetor face ao desajustamento psicossocial, considera-se essencial ajudar os adolescentes a aumentarem o seu repertório de estratégias de *coping* adaptativas, reduzindo simultaneamente a utilização de estratégias de *coping* desadaptativas, quer em termos de intervenção psicológica individual quer em programas de promoção de competências socioafetivas que possam ser desenvolvidos em contexto grupal e de carácter preventivo.

Considera-se também importante o trabalho com as famílias, uma vez que para além de esta ser considerada o principal contexto em que o desenvolvimento humano ocorre (Bronfenbrenner, 1986), os membros de uma família têm um impacto mútuo uns nos outros (Bertalanffy, 1968). Desta forma, e tendo em conta a correlação existente entre o funcionamento familiar e o tipo de estratégias de *coping* utilizadas, torna-se essencial o desenvolvimento de um trabalho no seio familiar, no sentido de capacitar a família para a utilização de estratégias de *coping* adaptativas. Este trabalho irá permitir que a família, através da modelagem, tenha uma influência sobre o tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes. Este trabalho junto das famílias torna-se ainda mais relevante perante a conjuntura económica que atravessamos, uma vez a família é obrigatoriamente envolvida no contexto sociocultural em que se encontra inserida (Dias,

2000). Acresce ainda a importância que as condições económicas desempenham no desenvolvimento dos adolescentes através do comportamento parental (Conger et al., 1992). Face ao exposto torna-se essencial desenvolver um trabalho de prevenção através da promoção de estratégias de *coping* adequadas, uma vez que os resultados do presente estudo indicam que estas se podem assumir como protetoras face ao (des)ajustamento psicossocial dos adolescentes.

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the youth self-report and 1991 profile*. Burlington: University of Vermont Department of Psychiatry.
- Alarcão, M. (2002). *(des)Equilíbrios familiares* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child development*, 56, 438-547. doi: 10.1111/1467-8624.ep7251647.
- Bertalanffy, V. L. (1968). *General system theory: Foundations, development, applications* New York: George Braziller.
- Bird, G. W., & Harris, R. L. (1990). A comparison of role strain and coping strategies by gender and family structure among early adolescents. *The journal of early adolescence*, 10, 141-158.
- Borges, A., Manso, D., Tomé, G., & Matos, M. (2006). Depressão e coping em crianças e adolescentes portugueses. *Revista brasileira de terapias cognitivas*.
- Brage, D., & Meredith, W. (1994). A causal model of adolescent depression. *Journal of psychology*, 128(4), 455-468.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental psychology*, 22, 723-742. doi: 10.1037/0012-1649.22.6.723.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* (2.ª ed.). New York: Taylor & Francis Group.
- Calvete, E., Camara, M., Estevez, A., & Villardon, L. (2011). The role of coping with social stressors in the development of depressive symptoms: gender differences. *Anxiety, Stress & Coping*, 24, 387-406. doi: 10.1080/10615806.2010.515982.
- Cappa, K. A., Begle, A. M., Conger, J. C., Dumas, J. E., & Conger, A. J. (2011). Bidirectional relationships between parenting stress and child coping competence: Findings from the pace study. *Journal of child and family studies*, 20, 334 – 342. doi: 10.1007/s10826-010-9397-0.

- Carr, A. (2006). *Family therapy: concepts, process, and practice* (2.^a ed.). Chichester: Wiley-Blackwell.
- Cicognani, E. (2011). *Coping strategies with minor stressors in adolescence: Relationships with social support, self-efficacy, and psychological well-being. Journal of Applied Social Psychology, 41*, 559-578. doi: 10.1111/j.1559-1816.2011.00726.x.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin, 112*(1), 155-159.
- Compas, B. E. (1987). *Coping with stress during childhood and adolescence. Psychological Bulletin, 101*, 393-403. doi: 10.1037/0033-2909.101.3.393.
- Compas, B. E., Connor-Smith, J. K., Saltzman, H., Thomsen, A. H., & Wadsworth, M. E. (2001). *Coping with stress during childhood and adolescence: Problems, progress, and potential in theory and research. Psychological Bulletin, 127*, 87-127. doi: 10.1037/0033-2909.127.1.87.
- Conger, R. D., Conger, K. J., Elder, G., O.Lorenz, F. O., Simons, R. L., & Whitbeck, L. B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development, 63*, 526-541. doi: 10.1111/1467-8624.ep9207061028
- Copeland, E. P., & Hess, R. S. (1995). Differences in young adolescents' coping strategies based on gender and ethnicity. *The Journal of Early Adolescence, 15*, 203-219.
- Couceiro, A. G. (2008). *A avaliação das estratégias de coping nas crianças e adolescentes: Questões desenvolvimentistas*. (Dissertação de mestrado), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- Cox, M. J., & Paley, B. (1997). Families as system. *Annual Review of Psychology, 48*(1), 243.
- Crespo, C., & Francisco, R. (2011). *Coping & Resiliência [adaptado de Youth Connectedness Project, Roy MckKenzie Centre for the Study of Families, NZ] (versão para investigação): Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa*.
- Câmara, S. G., & Carlotto, M. S. (2007). *Coping e gênero em adolescentes. Psicologia em Estudo, 12*, 87-93.

- De Boo, G. M., & Spiering, M. (2010). Pre-adolescent gender differences in associations between temperament, *coping*, and mood. *Clinical Psychology & Psychotherapy*, *17*(4), 313-320.
- Dias, M. O. (2000). A família numa sociedade em mudança: Problemas e influências recíprocas. *Gestão e desenvolvimento*, *9*, 81-102.
- Dunning, M. J., & Giallo, R. (2012). Fatigue, parenting *stress*, self-efficacy and satisfaction in mothers of infants and young children. *Journal of Reproductive & Infant Psychology*, *30*, 145-159. doi: 10.1080/02646838.2012.693910
- Else-Quest, N. M., Hyde, J. S., Goldsmith, H. H., & Van Hulle, C. A. (2006). Gender differences in temperament: A meta-Analysis. *Psychological Bulletin*, *132*, 33-72. doi: 10/1037/0033-2909.132.1.33
- Epstein, N. B., Baldwin, L. M., & Bishop, D. S. (1983). The McMaster family assessment device. *Journal of marital and family therapy*, *9*, 171-180.
- Estévez, R. M., Oliva, A., & Parra, Á. (2012). Acontecimientos vitales estresantes, estilo de afrontamiento y ajuste adolescente: un análisis longitudinal de los efectos de moderación. *Revista Latinoamericana de Psicología*, *44*(2), 39-53.
- Felsten, G. (1998). Gender and *coping*: Use of distinct strategies and associations with *stress* and depression. *Anxiety, Stress & Coping*, *11*(4), 289-309.
- Fonseca, A. C., & Monteiro, C. M. (1999). Um inventário de problemas do comportamento para crianças e adolescentes: o Youth Self-Report de Achenbach. *Psychologica*, *21*, 79-96.
- Gonçalves, M., & Simões, M. R. (2000). O modelo multiaxial de Achenbach (ASEBA) na avaliação clínica de crianças e adolescentes. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 43-88). Coimbra: Quarteto Editora.
- Hakvoort, E. M., Bos, H. M. W., van Balen, F., & Hermans, J. M. A. (2010). Family relationships and the psychosocial adjustment of school-aged children in intact families. *Journal of Genetic Psychology*, *171*(2), 182-201.

- Hankin, B. L., & Abramson, L. Y. (2001). Development of gender differences in depression: An elaborated cognitive vulnerability. *Psychological Bulletin*, *127*(6), 773-796.
- Henry, C. S., Robinson, L. C., Neal, R. A., & Huey, E. L. (2006). Adolescent perceptions of overall family system functioning and parental behaviors. *Journal of Child & Family Studies*, *15*, 308-318. doi: 10.1007/s10826-006-9051-z.
- Johnson, E. D. (1998). The effect of family functioning and family sense of competence on people with mental illness. *Family Relations*, *47*(4), 443-451.
- Jorgensen, R. S., & Dusek, J. B. (1990). Adolescent adjustment and *coping* strategies. *Journal of Personality*, *58*, 503-513. doi: 10.1111/1467-6494.ep9103184264.
- Jose, P. E., D'Anna, C. A., Cafasso, L. L., Bryant, F. B., Chiker, V., Gein, N., & Zhezmer, N. (1998). *Stress and coping* among Russian and American early adolescents. *Developmental Psychology*, *34*, 757-769. doi: 10.1037/0012-1649.34.4.757.
- Kliewer, W., & Fearnow, M. D. (1996). *Coping* socialization in middle childhood: Tests of maternal and paternal influences. *Child Development*, *67*, 2339-2357. doi: 10.1111/1467-8624.ep9706060171.
- Koesten, J. (2004). Family communication patterns, sex of subject, and communication competence. *Communication Monographs*, *71*(2), 226-244.
- Lazarus, R. S. (1966). *Psychological stress and the coping process*. New York: McGraw Hill.
- Lazarus, R. S. (1999). *Stress and emotion: A new synthesis*. New York: Springer Publishing Company.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer Publishing Company.
- Lee, E. J., Jackson, B., Parker, V., DuBose, L., & Botchway, P. (2009). Influence of family resources and *coping* behaviors on well-being of african american and caucasian parents of school-age children with asthma. *ABNF Journal*, *20*(1), 5-11.

- Leinonen, J. A., Solantaus, T. S., & Punamäki, R.-L. (2002). The specific mediating paths between economic hardship and the quality of parenting. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 423-435. doi: 10.1080/01650250143000364.
- Lengua, L. J., & Stormshak, E. A. (2000). Gender, gender roles, and personality: Gender differences in the prediction of *coping* and psychological symptoms. *Sex Roles*, 43(11/12), 787-820.
- Lerner, R. M., & Spanier, G. B. (1980). *Adolescent development: A life-span perspective*: McGraw-Hill.
- Lindahl, K. M., Bregman, H. R., & Malik, N. M. (2012). Family boundary structures and child adjustment: The indirect role of emotional reactivity. *Journal of Family Psychology*, 26, 839-847. doi: 10.1037/a0030444.
- Low, N. C. P., Dugas, E., O'Loughlin, E., Rodriguez, D., Contreras, G., Chaiton, M., & O'Loughlin, J. (2012). Common *stressful* life events and difficulties are associated with mental health symptoms and substance use in young adolescents. *BMC Psychiatry*, 12, 116-125. doi: 10.1186/1471-244X-12-116.
- López, E. E., Ochoa, G. M., & Olaizola, J. H. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28(4), 81-89.
- López, E. E., Pérez, S. M., Ruiz, D. M., & Ochoa, G. M. (2007). Estilos de comunicación familiar, actitud hacia la autoridad institucional y conducta violenta del adolescente en la escuela. *Psicothema*, 19(1), 108-113.
- Ma, J. L. C., Wong, T. K. Y., Lau, L. K., & Shuk Han, P. (2009). Perceived family functioning and family resources of Hong Kong families: Implications for social work practice. *Journal of Family Social Work*, 12, 244-263. doi: 10.1080/10522150903030147.
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Matos, M. G., Tomé, G., Borges, A. I., Manso, D., Ferreira, P., & Ferreira, A. (2008). Anxiety, depression and *coping* strategies: improving the evaluation and the

- understanding of these dimensions during pre adolescence and adolescence. *Journal of Cognitive & Behavioral Psychotherapies*, 8(2), 169-184.
- Matud, M. P. (2004). Gender differences in *stress* and *coping* styles. *Personality & Individual Differences*, 37, 1401-1415. doi: 10.1016/j.paid.2004.01.010.
- Maynard, P. E., & Olson, D. H. (1987). Circumplex model of family systems: A treatment tool in family counseling. *Journal of Counseling & Development*, 65(9), 502-504.
- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). Family transitions: adaptation to *stress*. In H. I. McCubbin & C. R. Figley (Eds.), *Stress and the family* (pp. 5-25). New York: Brunner/Mazel.
- McCubbin, H. I., Patterson, J. M., Bauman, E. I., & Harris, L. (1981). *Systematic assessment of family stress and coping*. St. Paul: University of Minnesota.
- Meschke, L. L., & Juang, L. P. (2014). Obstacles to parent–adolescent communication in Hmong American families: exploring pathways to adolescent mental health promotion. *Ethnicity & Health*, 19, 144-159. doi: 10.1080/13557858.2013.814765.
- Minuchin, S. (1974). *Families & family therapy*. Cambridge: Harvard University Press.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital and Family Systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Olson, D. H., & Gorall, D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (3.^a ed., pp. 514-547). New York: Guilford.
- Patterson, J. M., & McCubbin, H. I. (1987). Adolescent *coping* style and behaviors: Conceptualization and measurement. *Journal of adolescence*, 10, 163-186.
- Prevatt, F. F. (2003). The contribution of parenting practices in a risk and resiliency model of children's adjustment. *British Journal of Developmental Psychology*, 21(4), 469-480.
- Prioste, A., Cruz, D., & Narciso, I. (2010). Circularidade relacional: Padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica*, 52, 447-467.

- Richmond, M. K., & Stocker, C. M. (2006). Associations between family cohesion and adolescent siblings' externalizing behavior. *Journal of Family Psychology, 20*, 663-669. doi: 10.1037/0893-3200.20.4.663.
- Rosnati, R., Iafrate, R., & Scabini, E. (2007). Parent-adolescent communication in foster, inter-country adoptive, and biological Italian families: Gender and generational differences. *International Journal of Psychology, 42*, 36-45. doi: 10.1080/00207590500412128.
- Sampaio, D. (1984). Terapia familiar sistémica: Um novo conceito, uma nova prática. *Acta Médica Portuguesa, 5*, 67-70.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Schermerhorn, A. C., D'Onofrio, B. M., Turkheimer, E., Ganiban, J. M., Spotts, E. L., Lichtenstein, P., & Neiderhiser, J. M. (2011). A Genetically informed study of associations between family functioning and child psychosocial adjustment. *Developmental Psychology, 47*, 707-725. doi: 10.1037/a0021362.
- Seiffge-Krenke, I. (2004). Adaptive and maladaptive *coping* styles: Does intervention change anything? *European Journal of Developmental Psychology, 1*, 367-382. doi: 10.1080/17405620444000247.
- Seiffge-Krenke, I., Weidemann, S., Fentner, S., Aegenheister, N., & Poeb lau, M. (2001). *Coping* with school-related *stress* and family *stress* in healthy and clinically referred adolescents. *European Psychologist, 6*, 123-132. doi: 10.1027//1016-9040.6.2.123.
- Shek, D. T. L. (1997). The relation of family functioning to adolescent psychology. *Journal of Genetic Psychology, 158*(4), 467.
- Shek, D. T. L. (2002). Family functioning and psychological well-being, school adjustment, and problem behavior in chinese adolescents with and without economic disadvantage. *Journal of Genetic Psychology, 163*(4), 497-502.
- Sigmon, S. T., & Stanton, A. L. (1995). Gender differences in *coping*: A further test of socialization and role constraint theories. *Sex Roles, 33*(9/10), 565-587.

- Skinner, E. A., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2009). Challenges to the developmental study of *coping*. *New Directions for Child & Adolescent Development*, 2009, 5-17. doi: 10.1002/cd.239.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: the SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32, 232-258. doi: 10.1111/j.1467-6427.2010.00507.x.
- Susman, E. J., Dorn, L. D., & Schiefelbein, V. L. (2003). Puberty, sexuality, and health. In R. M. Lerner, M. Easterbooks & J. Mistery (Eds.), *Handbook of psychology: Developmental psychology* (Vol. 6, pp. 295-324). Hoboken: John Wiley & Sons Inc.
- Torrente, G. (2005). Conducta antisocial y relaciones familiares en la adolescencia. *Anuario de Psicología Jurídica*, 15, 9-22.
- Vilaça, M., Silva, J. T., & Relvas, A. P. (2014). Systemic Clinical Outcome Routine Evaluation (SCORE-15). In A. P. Relvas (Ed.), *Instrumentos de Avaliação Familiar - Funcionamento e Intervenção* (Vol. I, pp. 23-45). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Wang, J., & Zhao, X. (2013). Perceived family functioning in depressed Chinese couples: A cross-sectional study. *Nursing & Health Sciences*, 15, 9-14. doi: 10.1111/j.1442-2018.2012.00707.x.
- Ystgaard, M., Tambs, K., & Dalgard, O. S. (1999). Life stress, social support and psychological distress in late adolescence: a longitudinal study. *Social Psychiatry & Psychiatric Epidemiology*, 34(1), 12-19.
- Zhiwen, X., Xiaoming, L., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16, 53-65. doi: 10.1080/13548506.2010.521563.
- Zimmer-Gembeck, M. J., & Locke, E. M. (2007). The socialization of adolescent coping behaviours: Relationships with families and teachers. *Journal of Adolescence*, 30, 1-16. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.03.001.

ANEXOS

ANEXO A

Pedido de colaboração para as Escolas

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Executivo,

Investigadoras da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) estão a realizar um estudo intitulado “Relações familiares e bem-estar na adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”. Esta investigação é coordenada por Marta Pedro e Rita Francisco, Professoras Auxiliares Convidadas da FPUL. Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Neste sentido, o presente estudo pretende investigar factores familiares e individuais que contribuam para diminuir o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar e rendimento académico dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual.

Deste modo, solicitamos a colaboração da Vossa Escola no sentido de autorizar a aplicação de um conjunto de questionários às turmas do 3º ciclo (do 7º ao 12º ano), bem como aos respectivos pais dos alunos. A participação dos alunos consiste no preenchimento de alguns questionários, com a duração máxima de 45 minutos. A participação dos pais e das mães consistirá, igualmente, no preenchimento de um conjunto de questionários, enviados para casa através do educando e devolvidos posteriormente em envelope fechado (de forma a garantir a confidencialidade) ao director de turma.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar. As escolas e as famílias participantes poderão ter acesso aos resultados da investigação através de um documento escrito ou de uma sessão de devolução dos resultados realizada pela equipa de investigação.

Segue ainda em anexo o documento com a autorização do Ministério da Educação, bem como um exemplar dos questionários a serem aplicados aos alunos.

Para qualquer esclarecimento, por favor utilize os seguintes contactos: 968018904 ou mmpedro@fp.ul.pt

Grata pela atenção,

Com os melhores cumprimentos,

A coordenadora da investigação,

Marta Pedro

ANEXO B

Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Neste sentido, investigadoras da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) estão a realizar um estudo intitulado “*Relações familiares e bem-estar na adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica*”, com o objetivo de investigar factores familiares e individuais que contribuam para diminuir o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar e rendimento académico dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual. Esta investigação é coordenada por Marta Pedro e Rita Francisco, Professoras Auxiliares Convidadas da FPUL.

Para tal, **solicitamos a colaboração da sua família. A participação dos pais** (mãe e pai) consistirá no preenchimento de um conjunto de questionários, em casa (com duração de cerca de 40 minutos), que serão devolvidos em envelope fechado (garantindo a confidencialidade dos dados) à directora de turma. A **participação do(a) seu/sua filho(a)** decorrerá na própria escola, em horário a combinar, e consistirá, igualmente, no preenchimento de alguns questionários (com duração de cerca de 45 minutos). De forma a compreender de forma mais rigorosa a influência das dificuldades económicas no ajustamento familiar, bem como no bem-estar e rendimento académico do adolescente, **a participação da sua família** no preenchimento dos questionários será solicitada três vezes ao longo do ano lectivo: (1) no final do 1º período (após as férias de Natal), (2) no final do 2º período (após as férias da Páscoa), e (3) no final do 3º período (final do ano lectivo).

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. **Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.**

Agradecemos a sua ajuda, sem a qual este estudo não seria possível!

A investigadora principal,

(Marta Pedro)

Para qualquer esclarecimento, contactar:

- Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal
Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

- Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

Por favor, entregue este destacável à Directora de Turma, no prazo de 1 semana.

Obrigada!

Eu, _____, encarregado de
educação do(a) aluno(a) _____, autorizo
a participação da minha família no estudo acima referido.

Assinatura do Encarregado de Educação

ANEXO C

Protocolo



PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Versão Filhos

Por favor escreva no código abaixo:

- No **1º quadrado** escreva: a 1ª letra do seu nome
- No **2º quadrado** escreva: a 1ª letra do nome do seu pai
- No **3º quadrado** escreva: o dia em que nasceu
- No **4º quadrado** escreva: o número da porta da sua casa (se a sua casa não tiver número coloque um zero)

Exemplo: Código | J | M | 12 | 4 |

Código | _ | _ | _ | _ |

Consentimento Informado

*“Relações familiares e bem-estar na adolescência:
Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”*

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões na maioria das famílias. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para reduzir o impacto da crise económica nas relações familiares e no bem-estar dos adolescentes.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar. Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): _____

Data: ___ / ___ / _____

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

13. Notas do último período lectivo

Por favor escreva as notas de todas as suas disciplinas no último período lectivo

_____ Período	
Disciplina	Nota

C&R

(*Youth Connectedness Project*, 2006; versão portuguesa Crespo & Francisco, 2011)

As frases seguintes referem-se ao que as pessoas, em geral, podem fazer ou pensar quando têm algum problema. Por favor, indique a frequência com que costuma fazer/pensar estas coisas quando tem um problema que o(a) preocupa, assinalando uma das alternativas de reposta:

Nunca /Quase nunca	Poucas vezes	Às vezes	Muitas vezes	Sempre/Quase sempre
1	2	3	4	5

5. Falo com outras pessoas sobre como me estou a sentir	1	2	3	4	5
6. Tento mudar a situação para resolver o problema	1	2	3	4	5
7. Penso “devo ter problemas sérios, caso contrário, não me sentiria assim”	1	2	3	4	5
8. Entro em brigas ou discuto com outras pessoas	1	2	3	4	5
9. Evito lidar com os meus problemas	1	2	3	4	5
10. Para mim, é fácil dizer às outras pessoas como me sinto	1	2	3	4	5
11. Dedico-me a trabalhar no problema para o resolver	1	2	3	4	5
12. Penso “deve haver alguma coisa errada comigo, caso contrário, não me sentiria assim”	1	2	3	4	5

SCORE – 15 (Stratton et al., 2010; versão portuguesa de Relvas et al., 2010)

Solicitamos que nos descreva a forma como vê a sua família neste momento. Quando dizemos “a sua família” referimo-nos às pessoas que vivem em sua casa. Como diria que cada afirmação **descreve a sua família?**

Descreve-nos Muito bem	Descreve-nos Bem	Descreve-nos Em parte	Descreve-nos Mal	Descreve-nos Muito mal
1	2	3	4	5

1. Na minha família, falamos uns com os outros sobre coisas que têm interesse para nós	1	2	3	4	5
2. Na minha família muitas vezes não se diz a verdade uns aos outros	1	2	3	4	5
3. Todos nós somos ouvidos na nossa família	1	2	3	4	5
4. Sinto que é arriscado discordar na nossa família	1	2	3	4	5
5. Sentimos que é difícil enfrentar os problemas do dia-a-dia	1	2	3	4	5
6. Confiamos uns nos outros	1	2	3	4	5
7. Sentimo-nos muito infelizes na nossa família	1	2	3	4	5
8. Na minha família, quando as pessoas se zangam, ignoram-se intencionalmente	1	2	3	4	5

EMBU – MÃE (Perris et al., 1984; adaptação da versão portuguesa de Canavarro et al., 1996)

Em seguida serão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência. É importante lembrar-se dos comportamentos da sua mãe em relação a si, tal como eles são, até à actualidade.

Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1	2	3	4

14. Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	1	2	3	4
19. Sinto que há ternura, entre mim e os meus pais.	1	2	3	4
23. Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me tenha empenhado.	1	2	3	4

YSR

(Achenbach, 2001; versão portuguesa)

Segue-se uma lista de frases que descrevem características de rapazes e raparigas. Lê cada uma delas e indica até que ponto elas descrevem a maneira como tu **és ou tens sido durante os últimos 6 meses**. Por favor responde a todas as descrições o melhor que possas, mesmo que algumas pareçam não se aplicar exactamente.

Não é verdadeira	De alguma forma ou algumas vezes verdadeira	Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira
0	1	2

20. Destruo as minhas coisas	0	1	2
21. Destruo coisas da minha família ou de colegas	0	1	2
22. Desobedeço aos meus pais	0	1	2
23. Sou desobediente na escola	0	1	2
29. Tenho medo de determinados animais, situações ou lugares, sem incluir a escola (descreve) _____	0	1	2
30. Tenho medo de ir para a escola	0	1	2
31. Tenho medo de pensar ou fazer qualquer coisa de mal	0	1	2
32. Sinto que tenho de ser perfeito(a)	0	1	2
33. Sinto que ninguém gosta de mim	0	1	2
35. Sinto-me sem valor ou inferior aos outros	0	1	2
37. Meto-me em muitas lutas/brigas	0	1	2
42. Gosto mais de estar sozinho(a) do que acompanhado(a)	0	1	2
45. Sou nervoso(a), irritável ou tenso(a)	0	1	2
50. Sou demasiado medroso(a) ou ansioso(a)	0	1	2
52. Sinto-me demasiado culpado(a)	0	1	2
57. Agrido fisicamente outras pessoas	0	1	2
65. Recuso-me a falar	0	1	2
68. Grito muito	0	1	2
69. Sou reservado(a), guardo as coisas para mim mesmo(a)	0	1	2
71. Fico facilmente embaraçado(a) ou pouco à vontade	0	1	2
75. Sou envergonhado(a) ou tímido(a)	0	1	2
86. Sou teimoso(a)	0	1	2

Não é verdadeira	De alguma forma ou algumas vezes verdadeira	Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira
0	1	2

89. Sou desconfiado(a)	0	1	2
91. Penso em matar-me	0	1	2
94. Arreio muito os outros	0	1	2
95. Tenho um temperamento exaltado	0	1	2
97. Ameaço magoar/ferir as pessoas	0	1	2

EMBU - PAI

(Perris et al., 1984; adaptação da versão portuguesa de Canavarro et al., 1996)

Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência.

É importante lembrar-se dos comportamentos do seu pai em relação a si, tal como eles são, até à actualidade. Leia cada questão cuidadosamente e assinale a resposta que melhor se aplica ao seu caso.

Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1	2	3	4

2. Os meus pais elogiam-me.	1	2	3	4
6. Os meus pais estão a contribuir para que a minha adolescência seja uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	1	2	3	4
9. Os meus pais incentivam-me em ser melhor em tudo o que faço.	1	2	3	4
12. Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e encorajar.	1	2	3	4

SIS (Davies et al., 2002; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2013)

Por favor responda às seguintes questões considerando o que se passou consigo no último ano. Responda a cada questão assinalando com um círculo a sua resposta.

1	2	3	4
Nada verdade para mim	Um pouco verdade	Mais ou menos verdade	Muito verdade

<i>Quando os meus pais discutem sinto-me...</i>				
1. Triste	1	2	3	4
2. Assustado(a)	1	2	3	4
3. Zangado(a)	1	2	3	4

6. Com pena de um ou de ambos os meus pais	1	2	3	4
<i>Depois dos meus pais discutirem...</i>				
7. O meu dia fica estragado	1	2	3	4
8. Não consigo acalmar-me	1	2	3	4
9. Não consigo afastar os sentimentos negativos	1	2	3	4
<i>Quando os meus pais têm uma discussão...</i>				
10. Rio-me ou sorrio	1	2	3	4
11. Fico muito quieto, como se tivesse “congelado”	1	2	3	4
12. Tento esconder o que estou a sentir	1	2	3	4
13. Grito ou digo coisas desagradáveis a pessoas da minha família	1	2	3	4
14. Bato, dou pontapés, estalos ou atiro coisas a pessoas da minha família	1	2	3	4
15. Não sei o que fazer	1	2	3	4
16. Tento distraí-los falando de outras coisas	1	2	3	4
17. Observo-os e ouço o que estão a dizer com muita atenção	1	2	3	4
18. Tento portar-me o melhor possível (por exemplo, sou simpático para os meus pais)	1	2	3	4
19. “Armo-me em palhaço” ou arranjo problemas	1	2	3	4
20. Não penso nisso	1	2	3	4
21. Sinto-me “apanhado” no meio deles os dois	1	2	3	4
22. Tento ficar muito sossegado	1	2	3	4
23. Acabo por não fazer nada, embora desejasse poder fazer alguma coisa	1	2	3	4
24. Não consigo parar de pensar nos problemas deles	1	2	3	4
25. Não me preocupo com isso porque é uma perda de tempo	1	2	3	4
26. Tento resolver o problema por eles	1	2	3	4
27. Espero e desejo que as coisas melhorem	1	2	3	4
<i>Quando os meus pais têm uma discussão...</i>				
28. Tento confortar um deles ou os dois	1	2	3	4

29. Só me apetece ficar o mais longe deles possível	1	2	3	4
30. Tento fingir que as coisas estão melhores	1	2	3	4
31. Tento afastar-me deles (por exemplo, saio da sala e vou para outro sítio da casa)	1	2	3	4
32. Acabo por ficar do lado de um deles/Acabo por tomar o partido de um deles	1	2	3	4
<i>Quando os meus pais têm uma discussão...</i>				
33. Sinto que estão chateados comigo	1	2	3	4
34. As pessoas da família são na mesma capazes de se dar bem umas com as outras	1	2	3	4
35. Sei que mesmo assim eles gostam um do outro	1	2	3	4
36. Sei que vai ficar tudo bem	1	2	3	4
37. Sinto que a culpa é minha	1	2	3	4
38. Preocupo-me com o futuro da minha família	1	2	3	4
39. Preocupo-me com o que vão fazer a seguir	1	2	3	4

CPIC

(Grych et al., 1992; versão portuguesa de Moura et al., 2006, 2010)

Neste questionário é descrito um conjunto de situações que se referem às relações familiares, especialmente às alturas em que os pais discutem. Responda a cada afirmação assinalando, com uma cruz (X), a resposta que melhor exprime o modo como se sente ou se sentiu nessas situações.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

7. Eu sinto que estou no centro das discussões dos meus pais	1	2	3	4	5	6
8. Eu não me sinto culpado(a) pelo facto de os meus pais discutirem	1	2	3	4	5	6
9. Provavelmente os meus pais não imaginam que eu sei que eles discutem muito	1	2	3	4	5	6
10. Mesmo quando terminam uma discussão, os meus pais continuam zangados	1	2	3	4	5	6
11. Os meus pais têm conflitos porque não são felizes juntos	1	2	3	4	5	6
12. Quando têm desentendimentos, os meus pais discutem calmamente	1	2	3	4	5	6

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
1	2	3	4	5	6

20. As razões pelas quais os meus pais discutem são sempre as mesmas	1	2	3	4	5	6
21. Quando os meus pais têm uma discussão dizem coisas desagradáveis um ao outro	1	2	3	4	5	6
22. Quando os meus pais discutem eu sei que posso fazer algo para ajudar a melhorar a situação	1	2	3	4	5	6
23. Quando os meus pais discutem eu tenho medo que algo de mal aconteça	1	2	3	4	5	6
24. A minha mãe quer que eu esteja do seu lado quando ela e o meu pai discutem	1	2	3	4	5	6
25. Eu sinto-me culpado(a) por os meus pais discutirem, mesmo que eles não o digam	1	2	3	4	5	6
26. Os meus pais quase nunca discutem	1	2	3	4	5	6
27. Os meus pais discutem mas depois fazem as pazes	1	2	3	4	5	6
28. Os meus pais geralmente discutem por coisas que eu fiz	1	2	3	4	5	6
29. Os meus pais discutem porque realmente não gostam um do outro	1	2	3	4	5	6
30. Quando os meus pais têm uma discussão, gritam muito um com o outro	1	2	3	4	5	6
31. Quando os meus pais discutem não existe nada que eu possa fazer para os impedir	1	2	3	4	5	6
32. Quando os meus pais discutem fico preocupado(a) com a possibilidade de um deles ficar magoado	1	2	3	4	5	6
33. Eu sinto que tenho de tomar partido quando os meus pais discutem	1	2	3	4	5	6
34. Os meus pais fazem críticas e queixas um do outro	1	2	3	4	5	6
35. Os meus pais raramente falam alto quando estão a discutir	1	2	3	4	5	6
36. Os meus pais entram frequentemente em discussão quando eu faço algo de errado	1	2	3	4	5	6

MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Dentro de 3 meses, aproximadamente, voltaremos a pedir a sua colaboração para preencher o mesmo questionário, de forma a conseguirmos avaliar rigorosamente os factores que reduzem o impacto da crise económica no bem-estar da sua família.